



RAÇA, CLASSE E MASCULINIDADE NA REPRESENTAÇÃO DO PERSONAGEM JULIUS, NO SERIADO TODO MUNDO ODEIA O CHRIS¹

RAZA, CLASE Y MASCULINIDAD EN LA REPRESENTACIÓN DEL PERSONAJE JULIUS, EN LA SERIE TODOS ODIAMOS A CHRIS

RACE, CLASS AND MASCULINITY IN THE REPRESENTATION OF THE CHARACTER JULIUS, IN THE SERIES EVERYBODY HATES CHRIS

Tales Gandi Veloso de Andrade²

Maria Railma Alves³

RESUMO

Everybody Hates Chris é uma *black sitcom* norte-americana que retrata os dramas vividos por uma família negra no Brooklyn na década de 1980. Tomando a produção como objeto de análise, este artigo pretende investigar a *representação social* que o seriado constrói sobre o pai da Família Rock, Julius – um homem negro, pobre, trabalhador, chefe de família e pai três filhos. A pesquisa acompanhou o seriado da primeira à última temporada, mas focou em dois episódios selecionados, transcritos e analisados pela metodologia qualitativa de *análise do discurso*. Os resultados mostram que Julius é atravessado por questões relacionadas à raça, classe, escolaridade, papéis de gênero e uma masculinidade negra marginalizada. Essas questões são interpretadas à luz do arcabouço teórico de autoras como Butler (2024), Connell (2005), Scott (1995) e Bourdieu (2012), evidenciando como o personagem reflete disparidades sociais e culturais, contribuindo para a compreensão da representação interseccional de raça e masculinidade.

PALAVRAS-CHAVE: Julius. Todo mundo odeia o Chris. Representação. Masculinidade.

RESUMEN

¹ Este artigo nasce a partir de um capítulo, revisado e ampliado, da monografia intitulada “Eu fui pro mundo dos brancos: a representação da família negra no seriado “Todo mundo odeia o Chris”, de autoria de Tales Gandi Veloso de Andrade, com orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Railma Alves, com vista à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

² Bacharel em Ciências Sociais e mestrando em Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

³ Doutora em Ciências Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil.

Everybody Hates Chris es una comedia negra estadounidense que retrata los dramas vividos por una familia negra en Brooklyn en la década de 1980. Tomando la producción como objeto de análisis, este artículo pretende investigar la representación social que la serie construye sobre el padre de la familia Rock, Julius, un hombre negro, pobre, trabajador, jefe de familia y padre de tres hijos. La investigación acompañó la serie desde la primera hasta la última temporada, pero se centró en dos episodios seleccionados, transcritos y analizados mediante la metodología cualitativa de análisis del discurso. Los resultados muestran que Julius está atravesado por cuestiones relacionadas con la raza, clase, escolaridad, roles de género y una masculinidad negra marginada. Estas cuestiones son interpretadas a la luz del marco teórico de autoras como Butler (2024), Connell (2005), Scott (1995) y Bourdieu (2012), evidenciando cómo el personaje refleja disparidades sociales y culturales, contribuyendo a la comprensión de la representación interseccional de raza y masculinidad.

PALABRAS-CLAVE: Julius. Todo el mundo odia a Chris. Representación. Masculinidad.

ABSTRACT

Everybody Hates Chris is an American black sitcom that depicts the struggles experienced by a Black family in Brooklyn during the 1980s. Taking the production as an object of analysis, this article aims to investigate the social representation that the series constructs about the father of the Rock family, Julius – a Black man, poor, hardworking, head of the family, and father of three children. The research followed the series from the first to the last season, but focused on two selected episodes, transcribed and analyzed through a qualitative discourse analysis methodology. The results show that Julius is influenced by issues related to race, class, education, gender roles, and marginalized Black masculinity. These issues are interpreted in light of the theoretical framework of authors such as Butler (2024), Connell (2005), Scott (1995), and Bourdieu (2012), highlighting how the character reflects social and cultural disparities, contributing to the understanding of the intersectional representation of race and masculinity.

KEYWORDS: Julius. Everybody hates Chris. Representation. Masculinity.

Introdução

O seriado *Everybody hates Chris* (2005-2009), traduzido no Brasil para “Todo mundo odeia o Chris”, é uma *black sitcom*⁴ norte-americana que retrata, por meio da comédia de situação, os dramas vividos por uma família negra no bairro do Brooklyn, nos Estados Unidos da América (EUA), na década de 1980. O seriado narra, essencialmente, a adolescência conturbada do protagonista Chris, que enfrenta inúmeras dificuldades:

⁴ A comédia de situação (sitcom) é um gênero humorístico popular nos Estados Unidos, caracterizada por um enredo central composto geralmente por um núcleo familiar. As *black sitcoms*, por sua vez, seguem a mesma estrutura, mas como diferencial trazem protagonistas negros (Magalhães, 2016).

vem de uma família pobre, mora em um bairro racializado e violento, é o mais velho entre três filhos e único aluno negro em uma escola de brancos.

Em Todo mundo odeia o Chris é perceptível o realce dado à instituição familiar, tal como os obstáculos que a *raça* constitui para o cotidiano da Família Rock, uma família negra inserida numa sociedade abertamente racista e profundamente segregada, tendo em vista a conjuntura social e política dos EUA entre as décadas de 1970 e 80.

Observando atentamente o arranjo da Família Rock, nota-se que cada um dos membros possui um dever para com a instituição familiar: o pai, Julius, tem a função de colocar comida na mesa, pagar as contas em dia, garantir o sustento e a sobrevivência da família. Nesse percurso, tem o desafio de conciliar dois empregos. A mãe, Rochelle, além de trabalhar esporadicamente, ajudando nas despesas da casa, é a principal incumbida pelas tarefas domésticas e pelos cuidados com os filhos: lava, passa, cozinha, auxilia as crianças no dever de casa e se torna, também, a principal responsável por resolver os conflitos familiares. Os filhos, Chris, Drew e Tonya, têm como função estudar, tirar notas boas, se comportar e respeitar uns aos outros. Além disso, Chris, como o filho mais velho, possui mais responsabilidades: ajuda nos serviços domésticos, cuida dos irmãos mais novos na ausência dos pais e trabalha desde os seus 14 anos de idade.

Apesar de o seriado “Todo mundo odeia o Chris” proporcionar enfoque especial aos dramas vividos pelo jovem Chris, no presente artigo, quem ganha o lugar de protagonista é o personagem Julius, o patriarca da Família Rock. Esta pesquisa buscou compreender a realidade vivenciada por Julius, um homem negro, pobre, trabalhador, chefe de família, marido e pai de três filhos que, não obstante, se encontra inserido numa sociedade desigual e ainda segregada racialmente. Ademais, busca-se compreender como a *masculinidade* e os “papéis de gênero” atravessam o personagem no desenrolar da trama, tendo em vista a sua função paterna e o seu dever como provedor do lar. Nesse percurso, procurou responder aos seguintes questionamentos: qual a representação do personagem Julius no seriado “Todo mundo odeia o Chris”? Como os marcadores de raça, classe, gênero e masculinidade são constituídos e expressados pelo personagem?

Tendo em vista o alcance de tais objetivos, a principal metodologia utilizada por esse estudo é a *análise do discurso*. Segundo Rosalind Gill (2002), a técnica de análise do discurso tem por objetivo a compreensão crítica e minuciosa da linguagem. Para tanto, é preciso analisar cuidadosamente o discurso levando em consideração o *texto* e *contexto* (histórico e cultural). Além disso, a análise do discurso, quando voltada para as mídias, quer seja filmes, novelas, peças teatrais ou seriados, consiste não somente em analisar a

fala das personagens, mas em ter consciência que tais diálogos foram escritos por terceiros, nesse caso, pela caneta de autores, roteiristas e produtores.

Diante disso, acompanhou-se o seriado da primeira à última temporada, mas, visando uma análise cuidadosa, foi selecionada uma amostra contendo dois episódios, que foram transcritos e submetidos a uma investigação atenta e pormenorizada. Nesse percurso, utilizou-se o *software Voyant Data Tools*⁵ para melhor analisar o conteúdo textual. Com o auxílio da metodologia qualitativa, foi possível analisar cuidadosamente os discursos que permeiam a narrativa, buscando identificar como os marcadores sociais transpassam a fala, as ações e moldam a realidade do personagem Julius.

Por fim, os dramas enfrentados pelo personagem Julius, marcado por desigualdades sociais, como raça, classe, escolaridade e gênero, foram analisados sob a perspectiva teórica de autoras como Judith Butler (2024), Raewyn Connell (2005), Pierre Bourdieu (2012) e Joan Scott (1995), cujas obras são essenciais para a compreensão dessas questões.

Tendo em vista essa discussão, o presente artigo se encontra organizado em quatro partes: a primeira parte é dedicada à apresentação do seriado “Todo mundo odeia o Chris”, que traz uma breve contextualização sobre o seu nascimento, visibilidade e a natureza autobiográfica que permeia tal produção. A segunda parte analisa o *episódio piloto* do seriado, no qual é apresentado o cenário em que a trama se desenvolve, a Família Rock e cada um dos seus membros, dando enfoque especial ao personagem Julius. A terceira parte trata da *representação* que o personagem Julius recebe no seriado, levando-se em consideração o seu atravessamento pelos marcadores raça, classe e gênero, culminando na imagem de um homem negro, pobre, trabalhador braçal e pai de três filhos, que tem atribuído a si o dever de ser principal provedor do lar. Na quarta e última parte, analisa-se o fenômeno da *masculinidade* e os papéis de gênero que atravessam o personagem, essencialmente a masculinidade negra e marginalizada vivenciada por Julius.

Nas considerações finais, conclui-se que o seriado “Todo mundo odeia o Chris” é uma *sitcom* de forte teor político, que objetiva não somente o entretenimento, mas a discussão de problemáticas e disparidades que acometiam a comunidade negra entre as décadas de 1970 e 80 nos Estados Unidos. Além disso, observa-se que a ideia de

⁵ O *software Voyant Data Tools* é um programa *online* e gratuito de análise de conteúdo. Disponível em: <https://voyant-tools.org>.

masculinidade é fortemente identificada na representação do personagem Julius, seja no trabalho, no exercício da paternidade ou no dever de ser o *chefe* do lar.

O seriado “Todo mundo odeia o Chris”

O seriado *Everybody hates Chris* é uma comédia de situação norte-americana produzida pela rede de televisão Columbia Broadcasting System (CBS), que estreou nos Estados Unidos em setembro de 2005, foi gravada por quatro anos ininterruptos (uma temporada por ano), e terminou em maio de 2009. A série é dividida em quatro temporadas, cada uma com vinte e dois episódios que totalizam mais de 30 horas de reprodução ininterrupta. Apesar de o idioma original ser o inglês, também foi traduzida para o espanhol e o português. Ao longo dos quatro anos de sua produção, o seriado foi dirigido por vinte e quatro diretores, responsáveis por adaptar o roteiro de Chris Rock e Ali LeRoi. Chris Rock, além de roteirista, também foi narrador, ator, diretor e, claro, protagonista, uma vez que o seriado tem por enredo-base a sua história de vida, especialmente sua adolescência no bairro do Brooklyn, entre as décadas de 1970 e 1980 (Internet Movie Database, 2025).

“Todo mundo odeia o Chris”, como foi traduzido no Brasil, foi exibido pela primeira vez no país no ano de 2006, pela emissora de TV Rede Record. Sua estreia foi marcante e o sucesso absoluto, se tornando conhecido nacionalmente (Daniele Crema, 2014). Ademais, mesmo passados mais de dezoito anos de sua estreia, o seriado permanece sendo reproduzido na TV aberta e conta com grande visibilidade em canais privados, aplicativos de *streaming* e plataformas livres. Atualmente, os direitos autorais de “Todo mundo odeia o Chris” estão reservados à *Amazon*, que disponibiliza o seriado na íntegra em seu serviço *Amazon Prime Video*. Mas, apesar da restrição que a política de direitos autorais impõe, é possível observar recortes de episódios e até mesmo sua transmissão ao vivo em sites de livre acesso como o *YouTube*.

A trama vivida em “Todo mundo odeia o Chris” se baseia em fatos reais, uma vez que o roteirista e narrador, Chris Rock, conta a história do seu “eu” adolescente. Portanto, o enredo compartilha de uma ênfase autobiográfica bastante presente, se contrastando com a narração e intervenções bem-humoradas, feitas em primeira pessoa, do próprio Chris já adulto, o que gera alívio cômico para muitas situações difíceis enfrentadas pelo seu “eu” adolescente. Nesse contexto, a família apresentada em tela é uma representação fictícia da família de Rock. Talvez por esse motivo, o seriado seja tão enfático em abordar

as dificuldades e as violências enfrentadas por uma família negra inserida em uma sociedade desigual e ainda segregada, tendo em vista a conjuntura social e política dos Estados Unidos da América na década de 1980.

Christopher Julius Rock III nasceu no ano 1965, na Carolina do Sul. Quando ainda pequeno, seus pais se mudaram para o distrito do Brooklyn, em Nova York, primeiro para o bairro de Crown Heights, depois para Bedford-Stuyvesant (Bed-Stuy). Chris vem de uma família grande e muito pobre; seu pai, Julius Rock II, era caminhoneiro e entregador de jornais, e sua mãe, Rosalie Tingman, era professora e assistente social. Chris é o mais velho de sete irmãos e, quando adolescente, frequentou escolas brancas em seu bairro no Brooklyn, nas quais sofria constantemente discriminação racial. Apesar de não ter conseguido concluir os estudos, Chris Rock se tornou um ator, cineasta e comediante de sucesso, atuando em grandes produções e conquistando diversas premiações, incluindo uma estrela na Calçada da Fama, em Hollywood (Gianni Magalhães, 2016). Apesar de tudo, o seriado “Todo mundo odeia o Chris” é uma representação *adaptativa*, não sendo um conteúdo de todo fiel à realidade. Mas, ainda assim, cumpre o seu principal objetivo: demonstrar o quanto difícil foi a adolescência de Chris, um jovem negro vivendo entre as décadas de 1970 e 80 nos EUA.

Crema (2014) defende que “Todo mundo odeia o Chris” tece uma representação bastante realista quando comparado a outras *black sitcoms* famosas. Isso, porque, apesar da elevação do protagonismo negro em diversas *black sitcoms*, grande parte delas ainda retratava a família negra a partir do olhar branco, se silenciando, muitas vezes, do exercício de uma abordagem crítica sobre a realidade de desigualdade racial vivida nos Estados Unidos da América. Nessa perspectiva, seriados de sucesso, como Arnold (1978-1986), Um Maluco no Pedaço (1990-1996) e Eu, a Patroa e as Crianças (2001-2005), apesar de representarem avanços para a inserção de negros nos programas de TV, continuavam a reproduzir um modelo familiar muito semelhante ao observado nas *sitcoms* brancas. Em geral, eram famílias de classe média alta que, aparentemente, se encontravam imunes aos conflitos raciais: “[...] a *Black sitcom* se disseminou como um gênero do humor televisivo, há tempos, erigido por uma estrutura repetitiva no que concerne à mostra de um ‘branqueamento’ da família negra” (Crema, 2014, p. 15).

Contrariando o cenário de representação um tanto quanto idealista, construído por diversas *black sitcoms* norte-americanas, e estando atento à realidade de desigualdade racial enfrentada pelos negros nos EUA, o seriado “Todo mundo odeia o Chris” (2005-2009) não se abstém de narrar o teor dos conflitos raciais e a persistência do regime

segregacionista norte-americano. O seriado se empenha em salientar a prevalência da divisão dos espaços através da lógica racializada, pois, mesmo após a queda do regime de segregação racial na década de 1960, continua a existir bairros, escolas e muitos espaços para negros e para brancos. Um dos maiores conflitos vistos na série se dá, justamente, no ingresso do protagonista Chris na escola Corleone, que demarca a inserção de um adolescente negro no “mundo dos brancos” (Florestan Fernandes, 2007). Dessa maneira, Crema (2014) defende que o seriado rompe com a “harmonização racial” ilustrada por outras produções, pois não ameniza as desigualdades raciais vividas pela Família Rock, observadas na carência econômica, na discriminação e no estigma racial. Tudo isso é abordado sutilmente ao longo da narrativa, sempre com o intermédio do humor.

Apesar de Chris ser o protagonista do seriado, é perceptível que a família conta com um lugar especial na trama. É possível identificar, inclusive, muitos episódios dedicados a se aprofundar na singularidade de cada um dos membros, o pai (Julius), a mãe (Rochelle) e os irmãos (Drew e Tonya). Levando esse fato em consideração, este estudo tem como propósito investigar os dramas enfrentados pelo patriarca da Família Rock, Julius. Dessa maneira, as próximas seções adentram a singularidade desse personagem, investigando a “representação” que o seriado tece sobre ele.

Sabe quanto custou isso aí?: a representação do personagem Julius no seriado Todo mundo odeia o Chris

Na perspectiva do psicólogo social romeno Serge Moscovici (2013), as representações são modelos e imagens chamadas à consciência para se recordar de coisas do mundo real, tangíveis ou intangíveis. Para o autor, as representações são compostas por uma face icônica (imagem) e uma face simbólica (significação), relacionando, pois, a imagem à ideia. Ademais, as representações sociais são sempre partilhadas por um grupo, sendo ideias socialmente concebidas. Além disso, são condicionantes e coercivas, porque ditam o pensamento humano: o correto e o errado, o aceitável e o inaceitável. Não há, portanto, neutralidade. Por esse motivo, o autor afirma que as representações nunca são desprovidas de interesses.

Nesse contexto, a linguagem pode ser identificada como o principal meio utilizado para o repasse das representações sociais, pois o mundo é apresentado para os indivíduos por meio da linguagem. Sendo assim, as crianças, ao nascerem, tendem a reproduzir as visões de mundo e ideologias do seu grupo social. Desde pequenas, são apresentadas às

representações sociais que o grupo possui sobre diversos aspectos: percepções, sentimentos, objetos, indivíduo e tudo que há no mundo. Além disso, atribui-se sempre o juízo de valor – as coisas são sempre “boas”, “ruins”, “desejáveis” ou “indesejáveis”. Portanto, é através da vivência com o grupo que o indivíduo forma sua mentalidade, concebe sua visão de mundo, molda seu imaginário e alicerça suas representações sociais (Silvia Lane; Wanderley Codo, 1989).

Diante disso, é importante salientar a *indústria cultural* como uma fábrica de representações sociais, seja através da produção de filmes, músicas, telenovelas ou dos próprios seriados. Nessa perspectiva, para analisar o seriado “Todo mundo odeia o Chris”, utilizou-se da técnica de *análise do discurso*, que consistiu na seleção de uma amostra de dois episódios, que foram transcritos e analisados à luz dessa metodologia qualitativa (Gill, 2002). Nesta seção, tomou-se o episódio “Piloto” do seriado como objeto de análise, no qual é introduzido ao telespectador o universo de “Todo mundo odeia o Chris”.

Nesse episódio, são apresentados o cenário, os personagens e o drama a ser vivido na narrativa. Nele, acompanha-se a Família Rock se mudando para o novo lar. O ano é 1982, e a nova moradia da família é o distrito de Bedford-Stuyvesant (Bed-Stuy), localizado nos subúrbios do bairro do Brooklyn. Chris narra que, anteriormente, a família morava nos conjuntos residenciais do governo: “Quando eu tinha 13 anos, minha mãe convenceu meu pai a tirar a família dos conjuntos habitacionais. Ela dizia que ‘conjunto’ era só outra palavra para ‘amontoar’. Nos laboratórios, o governo amontoa os ratos, nos conjuntos, o governo amontoa pessoas”. Durante a viagem para a nova moradia, Chris pergunta ao pai se poderia parar em uma lanchonete, ao que o pai responde:

Tem dinheiro para lanchonete? [Julius]. Julius, eles têm que comer [Rochelle]. Mas não tem que ser em lanchonete. Eu guardei mortadela na mala do carro. Eu vou encostar. A gente cumpre o combinado: Drew fica com o x-burger, Tonya com a batata frita e Chris com o refrigerante [Julius]. Uma vez eu fiquei só com o gelo [Chris Narrador].

Mediante ao arranjo da cena, é perceptível que o seriado se esforça para demonstrar que, apesar de a Família Rock ter deixado os conjuntos habitacionais para conquistar a casa própria, a família ainda enfrenta uma situação de profunda carência. Para o pai, por exemplo, *fast food* seria algo demasiado caro, ao passo que o pão com mortadela satisfaria as necessidades dos filhos.

Na nova moradia, Chris apresenta cada um dos membros da Família Rock, começando pela mãe, Rochelle, interpretada pela atriz Tichina Arnold:

Essa é a minha mãe, Rochelle. Ela tem centenas de receitas de como acabar com alguém [Chris Narrador]. Aí, moleque, eu vou te bater até te virar do avesso! Eu te chuto de hoje até amanhã. Arranco teu coro, faço um abajur, e quer reclamar? Vai falar com o bispo! [Rochelle].

Rochelle é introduzida ao seriado pela imagem de uma mãe sobrecarregada, explosiva, autoritária e de pavio curto. Por ser a matriarca da família, é responsabilidade dela a maior parte dos afazeres domésticos e os cuidados com os filhos. Portanto, a personagem Rochelle cumpre os *papéis de gênero* que “se espera” de uma dona de casa. Contudo, nas relações intrafamiliares, é perceptível que, apesar de o marido ser o principal provedor da casa, Rochelle não se coloca como submissa, pelo contrário, ela é quem controla o dinheiro e gerencia as contas, sendo ela também a maior autoridade dentro de casa.

O próximo personagem apresentado é o “irmão do meio”, Drew, interpretado por Tequan Richmond. No seriado, Drew é apresentado como o total inverso de Chris: é bonito, atraente, popular, faz sucesso com as garotas e, ainda, é sortudo. Nesse ínterim, Chris afirma: “Aí meu irmão mais novo, Drew. Não tem nada pior que um irmão menor que é maior que você”. Por ter uma estatura maior, Drew muitas vezes é confundido com o filho mais velho da Família Rock, sendo também aquele que ganha as roupas novas, enquanto as velhas e apertadas ficavam para Chris.

Logo em seguida, a filha mais nova, Tonya, interpretada por Imani Hakim, é apresentada da seguinte forma: “Minha irmã, Tonya, era a caçula. Ela fazia o que podia para me encrencar [Chris Narrador]”. Como caçula, Tonya, nas palavras de Chris, era a “queridinha do papai” e, como tinha consciência disso, fazia de tudo para tirar vantagem. Como Tonya tinha certos privilégios com os pais, chantageava os irmãos quando queria algo e sempre tentava culpabilizá-los pelos seus próprios erros.

Em conjunto com os irmãos, é apresentado o primogênito da Família Rock, e protagonista do seriado, Chris, interpretado por Tyler James. Como filho mais velho, Chris era encarregado de todas as responsabilidades da casa e dos cuidados com os irmãos na ausência dos pais, tal como afirma o seu narrador *alter ego*: “Como eu era o mais velho, eu tinha que ser o adulto de plantão”.

Por fim, o pai, Julius, interpretado por Terry Crews, é apresentado: “O meu pai sabia o preço de cada coisa [Chris Narrador]. Um dólar e nove centavos acaba de ir pro

lixo! Dois dólares pegaram fogo! Eu não acredito nisso. Quarenta e nove centavos de leite derramado na minha mesa? *Ah, alguém vai beber esse leite! [Julius]*”.

FIGURA 1: O Pai, Julius



Nas respectivas cenas, Julius revira o lixo, encontrando uma coxa de frango pela metade; observa os pães queimados sob o balcão; e encara um copo de leite derramado sob a mesa.

Fonte: amazon.com.br

Julius é exibido no seriado como extremamente calculista mediante cada centavo gasto e recebido. Sabe exatamente o preço de cada coisa e é difícil tirar dinheiro dele, por isso tem atribuído a si expressões como “pão duro” e “mão de vaca”. Se, por um lado, Rochelle é considerada a autoridade máxima dentro de casa, por outro, Julius é apresentado como o principal provedor da família. Ademais é identificado como um dos poucos pais da vizinhança, composta em sua maioria por mães solteiras.

No seriado, Julius aparece quase sempre vestido com o seu uniforme de trabalho, afinal de contas tem o dever de conciliar dois empregos para sustentar a família e a nova moradia, tal como afirma o Chris: “Meu pai sempre dormia de uniforme, assim, quando ele acordava, tava prontinho pra sair”. Dessa maneira, não é exagero dizer que Julius vive para o trabalho.

Diante disso, pode-se afirmar que a representação inicial do personagem Julius, observada no episódio Piloto do seriado, suscita pelo menos duas características que serão marcantes sobre o personagem ao longo de toda a trama, entre elas, a sua obsessão por economizar tudo que é possível e o seu dever como provedor do lar.

O lugar social do homem negro: raça, classe e paternidade na representação do personagem Julius

Para se aprofundar na representação que o seriado constrói sobre o pai da Família Rock, Julius, acompanhou-se o desenvolvimento do personagem ao longo de todo o seriado, da primeira à última temporada, mas, visando uma análise acurada, selecionou-se um episódio específico a ser analisado, o episódio de número 22 da primeira temporada, intitulado “Todo Mundo Odeia o Dia dos Pais”. Optou-se pela escolha de tal

episódio por proporcionar enfoque especial ao personagem Julius, abordando questões importantes como a paternidade e o trabalho.

O dia amanhece no bairro do Brooklyn, em Nova York; o ano é 1983 e está no terceiro domingo do mês de junho, também conhecido nos EUA como Dia dos Pais. Na abertura do episódio sobre o Dia dos Pais, ao contrário do que se espera, Chris dá início à narrativa falando sobre o Dia das Mães, mas nada disso é por acaso:

Todo mundo concorda que um dos dias mais importantes do ano é o Dia das Mães. Todos querem mostrar pra mãe o quanto eles a amam. Até o TuPac escreveu uma canção sobre a mãe dele. No Dia das Mães, neguinho faz de tudo. Você leva a sua mãe pra almoçar fora. Você leva ela pro cinema pra ela poder usar um chapéu enorme. E você gasta seu último centavo com ela pra ela saber que é o máximo. Mas, quando se trata do Dia dos Pais, ninguém dá a mínima. Os filmes são horríveis. Os presentes são horríveis [Chris Narrador].

Nesse contexto, Chris argumenta que o Dia das Mães é superestimado, enquanto o Dia dos Pais conta com pouco ou quase nenhum prestígio. Talvez isso ocorra porque se convencionou socialmente que os homens são sérios e não gostam de “melosidades”, devendo deixar isso a cargo das mulheres, essas, “naturalmente” emotivas. Nessa perspectiva, observando as relações sociais de gênero, o sociólogo francês Bourdieu (2012) identifica que as mulheres são socialmente reconhecidas como delicadas, amáveis e sensíveis, seres que necessitam de atenção, cuidado e carinho, sendo a *feminilidade* fortemente caracterizada pela delicadeza e fragilidade. Por outro lado, os homens são reconhecidos socialmente como fortes, racionais, viris e naturalmente antiemotivos, fatores estreitamente atrelados ao ideal de *masculinidade*.

Nesse sentido, a maternagem, o ser mãe, remete ao campo da sensibilidade, amor, afeto, carinho, cuidado e paciência; contrariamente, a paternidade, o ser pai, remete à esfera do controle, rigidez, severidade, imposição de regras e, também, do dever de punição. Sendo assim, comemorações, demonstração de carinho e presentes, muitas vezes, não são vistos como “apropriados” ao Dia dos Pais.

Para ilustrar tal realidade, na véspera do Dia dos Pais, Chris, à mesa do jantar, pergunta ao pai, Julius, qual presente ele gostaria de ganhar para seu dia:

Esse ano, eu queria comprar o presente perfeito pro meu pai. E o único jeito de fazer isso era perguntar o que ele queria [Chris Narrador]. Pai, que presente você quer pro *Dia dos Pais*? [Chris]. Quer me dar alguma coisa pro Dia dos Pais? Me ajuda a pagar uma dessas contas [Julius].

Julius! [Rochelle]. *Hum, tá bom. Dia dos Pais... quer saber? Vocês querem mesmo me arrumar alguma coisa pro Dia dos Pais? Eu sei exatamente o que eu quero [Julius]. O que é, meu amor? [Rochelle]. Uma folga! [Julius]. Quer dizer, uma folga do trabalho? [Tonya]. Não. Um dia de folga de tudo e de todo mundo. Nada de brigas, de gritaria, de reclamação, de consertos. Um dia em que eu posso fazer tudo que tiver vontade de fazer [Julius]. Tomara que ele não troque a gente por uma branquela [Chris Narrador].*

No diálogo, Julius deixa claro que não quer nenhum tipo de comemoração ou presente para o Dia dos Pais, mas, se a família insiste em lhe dar algo, que seja um dia de folga “de tudo e de todo mundo”, para que possa descansar e fazer o que tiver vontade, tudo isso, sozinho. À primeira vista, a escolha de Julius pode parecer um tanto insensível diante da família, mas, analisando a trajetória do personagem, especialmente a sua relação com o trabalho, o desejo do pai torna-se compreensível.

Julius é o típico trabalhador com baixa escolaridade, sem especialização, superexplorado e mal remunerado. Para sustentar a família e pagar as contas, essencialmente o financiamento da nova moradia, precisa conciliar dois empregos noturnos, um de segurança e outro de entregador de jornais. Além de trabalhar dobrado, em datas festivas, como o natal, Julius precisa, ainda, fazer “bicos” para conseguir comprar presentes para os filhos. Nesse contexto, a *raça* é um marcador social com clara implicação na trajetória de Julius, uma vez que demarca o típico *lugar do negro* no modo de produção social. Para ilustrar essa realidade, os sociólogos Lélia Gonzales e Carlos Hasenbalg (1982, p. 14) identificam uma intensa presença do negro em empregos desqualificados e mal remunerados, especialmente no âmbito da prestação de serviços, em geral, em trabalhos braçais: “[...] encontramos o trabalhador negro fortemente representado, sobretudo em atividades menos qualificadas tais como limpeza urbana, serviços domésticos, correios, segurança, transportes urbanos etc.”.

Tal realidade torna-se visível quando, em certo episódio, Chris acompanha o pai em seu trabalho, sendo apresentado um pouco da rotina de Julius em um dos seus empregos. Julius levanta às duas horas da madrugada para ir à fábrica recolher jornais que precisam ser entregues por toda a cidade de Nova York. Ao chegar ao ambiente de trabalho do pai, Chris fica impressionado com a grandiosidade da fábrica e a rapidez com que o trabalho é desempenhado, observando a cadeia de produção de toneladas de jornais: “O trabalho do meu pai era uma loucura, eu não conseguia acreditar em como era grande, como era barulhento e como tudo andava rápido”. As características da produção de jornais descritas por Chris são profundamente observadas no modelo de produção

fordista, que sustenta a produção em massa, padronizada, atrelada a uma intensa divisão do trabalho em cadeia produtiva, o que possibilita não só o aumento da produção e a redução de custos, mas também um alto aproveitamento da mão de obra dos trabalhadores, estes, intensamente explorados (Antonio Gramsci, 2011).

No percurso para a entrega dos jornais, Chris aponta o trajeto que o pai realiza todas as madrugadas cruzando a cidade de Nova York para entregar os jornais:

Foi uma das noites mais animadas da minha vida. Nós entregamos jornais no Brooklyn, entregamos jornais em Queens, na Little Italy, em Chinatown, no Harlem Espâncio, no Harlem Porto-riquenho, no Bronx, no Greenwich Village. Entregamos jornais para gente que eu nem imaginava que sabia ler. E depois de entregar mais de quinze toneladas de jornal, eu só conseguia imaginar: “onde é que o sol tinha se escondido?”.

O seriado não aborda o segundo emprego do pai com tantos detalhes, mas deixa claro que Julius dorme de manhã e que seus dois empregos se dão no turno da noite, como afirma Chris: “Meu velho sempre vinha visitar a gente entre os empregos. O emprego noturno e o emprego mais noturno ainda”. Nesse sentido, o pai aparece no seriado vestido, quase sempre, com o macacão azul da empresa (Figura 2). Isso, porque Julius, quando não está dormindo, se encontra trabalhando quase todo o tempo.

Na vida real, o pai de Chris Rock, Julius Rock II, assim como muitos outros homens negros que viveram durante o regime segregacionista norte-americano, não teve pleno acesso à Educação Básica e, muito menos, ao Ensino Superior. Essa realidade teve implicações diretas nos postos de trabalho que Julius ocupou, caracterizados por grande esforço físico, jornadas exaustivas, baixa remuneração e pouco prestígio social. O sociólogo estadunidense Charles Mills (1969) classificou os trabalhadores que ocupam essa posição como *blue-collar workers* (trabalhadores de colarinho azul).

FIGURA 2: Julius e o seu Macacão Azul, da Cor de sua Classe



Nas cenas, Julius, em casa ou na rua, está quase sempre com o macacão da empresa.

Fonte: amazon.com.br

Portanto, um fator que marca a trajetória de Julius é a dimensão da *alienação*, tendo em vista que, até mesmo nos momentos da vida privada, Julius continua a agir como trabalhador. Nesse sentido, o filósofo alemão Karl Marx (2004) identifica que o trabalhador é alienado mediante alguns aspectos. Segundo o autor, o trabalhador é alienado diante do seu trabalho, uma vez que pouco se vê nos resultados ou produtos de sua atividade laborativa; em um segundo aspecto, o trabalhador é alienado diante de *si mesmo*, pois não vive para o gozo, mas para o trabalho (Tom Bottomore, 1988). Sendo assim, Julius é indiferente à sua produção, encarando o trabalho apenas como uma forma de subsistência. Além disso, está a todo o momento preocupado com o trabalho, com as contas e sempre calculando o preço de tudo.

Em certo episódio, devido a um acidente no ambiente de trabalho, os funcionários da empresa de Julius entram em greve, cobrando maior segurança no trabalho. Mediante ao evento, Julius não comprehende que a greve é uma forma de protesto contra as precárias condições que os trabalhadores enfrentavam, que seus colegas estavam lutando por melhores condições laborais, inclusive para ele. No entanto, Julius encara a greve como algo negativo e prejudicial, como uma negação dos trabalhadores ao trabalho. No mesmo sentido, em um terceiro aspecto, Marx (2004) observa que o trabalhador também é alienado mediante os *outros seres humanos*, incluindo o seu grupo. Para ele, o trabalhador, muitas vezes, não reconhece o espírito da luta conjunta que a sua classe empenha (Bottomore, 1988). Nessa perspectiva, Julius encara a greve dos seus colegas como um fenômeno indiferente a ele mesmo.

Ao longo da trama, outra característica marcante do personagem Julius é a sua obsessão, quase doentia, pela economia. O personagem tem uma fixação por calcular o

preço de tudo, bem como cada centavo gasto e recebido. Dessa maneira, quando percebia alguém desperdiçando algo, uma das frases mais ditas pelo pai era o questionamento: “sabe quanto custou isso aí?”. Contudo, após acompanhar um dia exaustivo de trabalho com o pai, Chris afirma que, a partir daquele momento, pôde finalmente compreender por que o pai implica tanto com o dinheiro que ganha: “Depois de encarar o trabalho, consegui compreender o meu pai muito melhor. Porque, quando a gente trabalha tanto, a gente pensa em cada centavo que gasta”. Portanto, ao observar os esforços que Julius empenha para cumprir a sua função como pai de família, essencialmente o desafio para conciliar dois empregos, sua obsessão pelos gastos começa a se tornar compreensível.

Mas, mesmo Julius trabalhando em dois empregos, e Rochelle, periodicamente, a situação financeira da Família Rock ainda é bastante frágil. Em uma cena, por exemplo, a família está à mesa; Rochelle e as crianças se preparam para a costumeira oração antes do jantar. Mas, no contexto, Julius remexe o prato de arroz e legumes procurando por carne:

D A prece, amor [Rochelle]. Cadê a carne? [Julius]. *Ahm...* Não tem carne [Rochelle]. Você não comprou costela de porco? [Julius]. Não, porque a carne estava cara demais [Rochelle]. Ah, eu sei que tem uma lata de presunto, de salsicha ou bacon. Ou carne seca, ou alguma coisa. Desde quando jantar é jantar sem carne? [Julius]. É um jantar vegetariano [Rochelle]. E eu tenho cara de vegetariano? Eu trabalho a semana inteira. Eu trabalho com papéis e caixas à noite inteira. Eu não quero legumes, eu preciso de carne! Hoje não foi o seu dia de pagamento? [Julius]. Eu larguei o emprego ontem. (Rochelle se dirige a Chris) volta pra casa cedo na quinta porque tenho que pegar meu pagamento [Rochelle]. Por que se demitiu? [Julius]. Eles me desrespeitaram, *entendeu?* [Rochelle].

FIGURA 3: Cadê a Carne?



Na cena, a família está à mesa se preparando para o jantar, Rochelle pede para que façam uma oração. Julius remexe o prato à procura de carne, se levantando da mesa, irritado. Rochelle baixa os olhos, claramente constrangida diante das crianças. **Fonte:** amazon.com.br

Apesar de Chris afirmar que seus pais evitavam ao máximo discutir na frente das crianças, na ocasião, foi inevitável. Julius argumenta que trabalha duro para não deixar

que falte alimento em casa e que, por isso, precisa de carne. Rochelle afirma que o preço da carne estava caro demais e que, por ter deixado seu emprego, não conseguiu comprar nenhum tipo para o jantar. Na cena (figura 3), a mãe fica claramente constrangida diante dos filhos, sendo um dos poucos momentos em que Rochelle abaixa a cabeça para o marido, demonstrando todo o sentimento de culpa por ter largado o emprego.

Em outro episódio, após ter um dia longo na escola, Chris chega em casa cansado e com fome e, sem se dar conta, come o pedaço maior de frango do jantar do pai. Mais tarde é repreendido por sua mãe:

Eu já não disse? *Não coma o maior pedaço de galinha!* [Rochelle]. Mas eu ainda estava com fome [Chris]. A minha mãe não tava brava comigo pra valer, ela tava era defendendo o meu pai. Ela não queria que ele fosse trabalhar com fome, porque, se ele trabalhasse com fome, ele ficava de mau humor. E de mau humor, ele poderia chamar o patrão de drogado. E se ele chamassem o patrão de drogado, a gente poderia voltar pro conjunto habitacional [Chris narrador]. *É o seu pai que tem que comer o maior pedaço!* Entendeu? [...] Vem cá, deixa eu te dar um beijo [Rochelle].

Na cena, mais uma vez, é suscitada a fragilidade material a que a Família Rock está submetida, essencialmente a carência de alimentação. A discussão em torno do *maior pedaço de frango* reflete a hierarquia de sobrevivência da família: o pedaço grande da galinha pertence ao pai, o provedor da casa, aquele que tem o fardo de conciliar dois empregos para dar conta de custear as despesas dos familiares e o financiamento da nova moradia. Diante do exposto, é perceptível a fragilidade financeira a que a Família Rock se encontra submetida, pois, mesmo diante do trabalho exaustivo dos pais, há momentos de dificuldade, como a ausência de carne no jantar. Em outro episódio, Julius consegue desconto em uma caixa de linguiça no açougue, de forma que a família passa a semana inteira comendo somente linguiça, como afirma Chris: “Era linguiça no café, almoço e jantar”.

Apesar de Rochelle se gabar pelos dois empregos do marido, Chris afirma que o sonho de Julius é ter somente um emprego bem remunerado, não precisando, assim, ter que conciliar dois trabalhos para dar conta de sustentar a família. Tal desejo pode ser observado quando Julius sonha estar no caixa depositando o seu dinheiro:

A única pessoa que gostava mais de dormir do que eu era meu pai. Olha ele aí curtindo o sonho preferido dele... [Chris Narrador]. Eu trabalho aqui há um tempão e eu nunca vi ninguém pagar as contas assim. Você tem dois empregos, é isso? [atendente de caixa]. Um emprego só

[Julius]. Mais alguma coisa? [atendente]. Meus três centavos de troco!
[Julius].

FIGURA 4: O Sonho de Julius



Na primeira cena, Julius está dormindo; nas seguintes, sonha que está conversando com o caixa no banco. **Fonte:** amazon.com.br

Retornando ao episódio do Dia dos Pais, mesmo diante da recusa de Julius em receber qualquer tipo de presente, Chris está empenhado em comprar algo para o pai, no entanto o garoto não sabe com o que presenteá-lo: “A única coisa mais difícil do que encontrar um presente para um homem que tem tudo, é encontrar um para um homem que não quer nada”. Mais tarde no episódio, ao ser interpelado por Rochelle sobre o motivo de não querer nenhum presente, Julius, o pai, afirma que, se as crianças comprarem presentes, ele terá que trabalhar ainda mais para poder pagá-los: “Se comprar presentes, eu vou ter que trabalhar só pra pagar eles. Nesse ritmo, eu vou trabalhar até quando eu morrer!”.

Além de não gostar de presentes, Julius odiava sair de casa, pois sempre que a família saia tinha que gastar. Assim, o argumento era o mesmo quando alguém queria sair: “Por que eu vou sair se eu posso fazer em casa que é grátis?”. Desse modo, Rochelle finalmente concorda em atender a vontade de Julius, garantindo um dia de folga ao marido – um dia em que pudesse ficar sozinho em casa e fazer o que tiver vontade.

Mas, mesmo assim, Chris resolve sair para procurar um presente para o seu pai. Em uma loja, ao ser interpelado pelo vendedor sobre o que o pai dele gosta de fazer, Chris responde ser exatamente esse o desafio: “Aí é que tá, tudo que ele faz é trabalhar e dormir”. E de fato Chris estava correto, a primeira coisa que Julius faz em seu tão esperado “dia de folga” é justamente dormir mais do que poderia em um dia comum:

Pro meu pai, ter um dia em que ele podia fazer o que ele tivesse vontade era como encontrar um milhão de dólares. Ele dormiu no sofá. Dormiu na cama. Ele dormiu na mesa de jantar e teve seus sonhos preferidos...

Ele assistiu boliche. Assistiu baseball. Ele assistiu golfe. E fez coisas que até a gente não sabia que ele gostava, como pintar (Figura 5).

FIGURA 5: Julius e o seu dia de folga



Nas cenas, Julius dorme em diversos lugares da casa, assiste a uma série de jogos na TV e pinta. **Fonte:** amazon.com.br

O desejo de Julius para o Dia dos Pais foi atendido; ele ficou em casa e fez o que tinha vontade: dormiu, dormiu e dormiu novamente; assistiu a seus jogos na TV, golfe, boliche, baseball; e realizou coisas que não faria na presença dos familiares. Contudo, ao final do dia, Julius se sente solitário. Sente que está faltando algo no seu dia. Tal sensação estava relacionada à ausência da família. Assim, decide ir ao cinema encontrar a mulher e os filhos. Nesse contexto, é perceptível que Julius, apesar de querer um “dia de folga de tudo e de todo mundo”, ainda assim não consegue ficar muito tempo longe dos familiares, pois tem que cumprir um dever. Dever esse que, talvez, seja o mais profundo de toda a sua existência: a paternidade. Em suas palavras: “o Dia dos Pais sem a família é como não ser pai”.

Ao final do dia, com toda a família reunida em casa, Julius recebe presente dos filhos em comemoração ao Dia dos Pais. Tonya dá ao pai seus próprios sapatos decorados com macarrão; Drew, uma colônia feita por ele mesmo, utilizando óleo, essência e álcool. Mas Chris, não tendo encontrado presente algum que o pai poderia gostar, se lembrou do pedido inicial de Julius quando interpelado sobre o que gostaria de ganhar no Dia dos Pais. Sendo assim, o garoto entrega um envelope ao pai. Sem compreender, Julius abre o envelope:

É um recibo... Ele pagou a conta de luz! [Julius]. *Oh, que bom!* [Rochelle]. Quando eu perguntei o que você queria pro dia dos pais, você disse que eu podia ajudar a pagar uma conta. Essa foi a única que eu pude pagar [Chris]. Obrigado, filho [Julius]. Meu pai nunca ligou muito para presentes, mas dar a ele um motivo para sorrir foi a melhor coisa que eu pude fazer por ele [Chris Narrador]. Este é o melhor presente que eu já recebi. Eu vou lembrar dele pra sempre [Julius]. Feliz Dia dos Pais! [Chris].

O episódio termina com o pai afirmando que estava orgulhoso do filho por ele estar se tornando “mais homem a cada dia” e que, por isso, poderia, a partir de então, começar a trabalhar para que todo mês pague uma conta.

Mediante as discussões tecidas, é possível dizer que a realidade vivida por Julius, um homem negro pai de família, é a realidade do trabalhador sem especialização superexplorado, uma vez que o salário ganho em apenas um emprego não supre todas as necessidades que uma sobrevivência digna exige. Nesse contexto, para Julius, a raça se constitui como um marcador histórico do *lugar do negro* em sociedades marcadas pelas desigualdades de classe e raça.

Julius, os papéis de gênero e a masculinidade negra

Nesta seção, procura-se discutir a relação do personagem Julius com a *masculinidade negra*, levando em consideração os papéis de gênero que atravessam o patriarca da Família Rock, bem como as dificuldades que a *raça* influí para a sua realidade como homem negro e chefe de família. Mas, antes disso, faz-se necessário discutir conceitos fundamentais, como sexo, gênero e patriarcado, e a influência desses marcadores na divisão de funções na sociedade através da lógica dos *papéis de gênero*.

Na visão da filósofa norte-americana Butler (2024), por muito tempo, várias feministas realizaram em seus estudos a divisão entre dois conceitos, *sexo* e *gênero*. O primeiro, argumentavam elas, estava intrinsecamente ligado à natureza biológica, ao aparelho sexual e arranjo hormonal que influenciam nas formas sexuais atribuídas no nascimento, havendo duas possibilidades: *masculino* e *feminino*. Já o segundo, o gênero, se referia ao campo social – as instruções sócio-históricas que definiam e distinguiam o que é ser *homem* e *mulher*. Porém, na visão Butler (2024), não é possível dizer que o sexo pertence ao campo biológico, muito menos tentar separá-lo do gênero:

Muitas vezes, o futuro do bebê é imaginado ou desejado por meio do ato de atribuir-lhe um sexo, portanto, a atribuição de sexo não é uma

simples descrição de fatos anatômicos, mas uma maneira de imaginar o que esses fatos vão – ou deveriam – significar (Buttler, 2024, p. 39).

Nesse percurso, identifica-se que as sociedades humanas são regidas por um sistema sexo/gênero responsável por regular as ações sociais e dividir funções em seu âmago. O sexo é observado como um importante divisor de tarefas desde as sociedades primitivas e, apesar de ter havido muitas mudanças ao longo da história na humanidade, permanece sendo profundamente influente nas sociedades modernas (Andrade *et al.*, 2024). Além disso, é preciso dizer que a *divisão sexual* de funções cria uma rígida estrutura de *poder* que dita o comportamento do homem e da mulher. Nesse ínterim, observa-se a divisão dos *papéis sociais de gênero*, como afirma Buttler (2024), em consonância com Scott (1989):

“Gênero”, por outro lado, é um termo muito mais amplo e nem sempre se refere a uma pessoa em particular, a seu sentido profundo de si ou ao modo como manifesta certas características legíveis. [...] Para Scott, ao revisitar em 2010 seu artigo inovador, “gênero” não é o que alguém é, mas um modo de interrogar os vários significados que permeiam a relação entre os sexos. Sua visão de gênero requer uma noção de diferença sexual, e essa noção, para além de qualquer tipo de essencialismo biológico, também deve ser interrogada por seus significados históricos e fantasmáticos (Buttler, 2024, p. 204).

Scott (1989) defende que o gênero é uma maneira primária de dar significados às relações de poder. Isso, porque a estrutura de poder, alicerçada pelo sistema sexo/gênero, é responsável por colocar os homens em uma posição superior às mulheres, fenômeno que foi denominado de patriarcado. Obviamente, o patriarcado influiu em maiores desigualdades para as mulheres, que têm a sua liberdade limitada, seus corpos controlados, e são submetidas ao domínio masculino. Contudo, o patriarcado também pode ser nocivo para os próprios homens. Nessa ótica, tal sistema, entre outras coisas, é responsável por criar um ideal de *masculinidade*, o macho alfa, refletido na imagem de homens fortes, bem sucedidos, provedores do lar, amados por suas esposas e filhos – ideal este que persegue os homens durante toda a sua vida.

A busca pelo ideal de masculinidade muitas vezes pode ser frustrante para grande parte dos homens, como afirma a socióloga australiana Connell (2005). Segundo a autora, a maioria deles não se enquadra no “suprassumo da masculinidade”, o que ela chama de *masculinidade hegemonic*, caracterizada por homens fortes, viris, dominadores, atraentes e bem sucedidos. Esses traços, na verdade, são representações surrealistas e

fantásticas, alcançadas apenas por um estrato muito privilegiado de homens, em geral, homens brancos, heterossexuais, de classe elevada e de uma origem bastante específica. Nesse contexto, a busca pela masculinidade pode se tornar prejudicial para homens que enfrentam obstáculos relacionados à raça, classe social e sexualidade, por exemplo.

Na perspectiva de Connell (2005), a masculinidade vivenciada pelos homens negros é uma masculinidade subalterna, justamente por não se enquadrar no ideal de *masculinidade hegemônica*. Desse modo, os dramas enfrentados pelo personagem Julius, por exemplo, são bastante distintos daqueles vividos por um homem branco de classe média alta. Julius é um homem negro, pobre, trabalhador braçal, que precisa se desdobrar em dois empregos para sustentar a casa e as despesas da família, por esse motivo, está sempre preocupado com os gastos, dando valor a cada centavo recebido. Por conta de sua raça, classe e origem, pode-se dizer que Julius vivencia uma *masculinidade marginalizada*.

Em outra perspectiva, Grada Kilomba (2012), psicóloga e feminista portuguesa, defende que as mulheres negras, na hierarquia social, se tornam *o outro, do outro do outro*, por enfrentarem desigualdades de raça, classe e gênero. Nesse contexto, os homens negros também não se encontram em uma situação melhor. De acordo com dados de institutos como o IBGE (Brasil, 2022), Ministério do Trabalho (Brasil, 2024), INEP (Brasil, 2023) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2024), os homens negros se encontram em maior número entre os analfabetos, os trabalhadores braçais mal remunerados e entre aqueles que menos acessam o Ensino Superior. Por outro lado, estão entre os que mais são encarcerados, vitimados pela violência policial e resgatados de trabalhos análogos à escravidão.

Analogamente, no seriado “Todo mundo odeia o Chris”, o trabalho é uma marca indissociável da identidade do personagem Julius. Nessa perspectiva, Fernando Albuquerque (2020) afirma que há uma forte relação entre *masculinidade e trabalho*, sendo o “dever de provedor” um dos principais papéis de gênero atribuído aos homens:

[...] a relação entre homens e trabalho, considerando-se o forte referencial identitário que o exercício laboral significa para a masculinidade, assim como, a falta de trabalho impacta negativamente na identidade masculina e nas condições de vida e de saúde dessa população (Albuquerque, 2020, p. 14).

Na realidade de Julius, e de muitos outros homens negros, o hipertrabalho pode se tornar adoecedor. Na vida real, por exemplo, o pai de Chris Rock, Julius Rock II, faleceu precocemente, aos 56 anos, após uma complicação devida a uma cirurgia de úlcera. Tal

realidade leva a pensar na falta de descanso do pai e no difícil acesso ao sistema de saúde por parte da população negra e pobre. O falecimento do pai foi um dos motivos principais para o encerramento da série, pois Chris não queria retratar a morte de Julius no seriado. Tais fatores levam a refletir acerca da superexploração, adoecimento do trabalhador negro e em sua rápida substituição no mercado de trabalho pelo “exército de mão de obra reserva”. Além disso, os padrões de gênero levam os homens a silenciar sobre suas questões de saúde, seus sofrimentos físicos e psíquicos.

Por fim, ao analisar o conteúdo do discurso de Julius através da amostra de episódios reunida, com auxílio do *software* de análise de conteúdo *Voyant Data Tools*, foi possível identificar os termos mais ditos pelo personagem ao longo da trama e elaborar uma nuvem de palavras, conforme ilustra a Figura 6, a seguir.

FIGURA 6: Nuvem de Palavras: os cem termos mais ditos por Julius



Fonte: Produção própria a partir do software *Voyant Data Tools*

Na nuvem de palavras é possível observar em destaque os nomes dos familiares (Chris, Rochelle, Drew e Tonya), o que leva a acreditar na proximidade que o pai tem com a família, sempre chamando e dialogando com os familiares. Também são identificados outros termos igualmente recorrentes no discurso de Julius, como “dinheiro”, “centavos” e “dólares”, que remetem à fixação que o personagem tem pela economia; “conta”, “pagar” e “caixa”, relativos à preocupação com o pagamento das dívidas; “trabalhar” e “folga”, que demarcam a forte relação do personagem com o trabalho. Todas as palavras refletem a responsabilidade de Julius no sustento do lar, bem como a sua necessidade em cumprir papéis relativos à masculinidade.

Considerações Finais

Mediante as discussões tecidas, foi possível observar que o seriado “Todo mundo odeia o Chris” é uma *sitcom* singular. Consiste em uma produção realista, de cunho autobiográfico e de forte teor político, que não objetiva puramente o entretenimento, mas a discussão de problemáticas e disparidades que acometiam a comunidade negra nas décadas de 1970 e 80, nos Estados Unidos, como a desigualdade, o estigma e a prevalência da segregação étnico-racial dos espaços. Nesse sentido, o seriado ilustra as dificuldades enfrentadas por uma família negra, pobre, que vive em um bairro racializado e violento, localizado nos guetos da cidade de Nova York.

Ao longo da discussão, foi possível observar que, para o personagem Julius, a raça se constitui como um marcador histórico do *lugar do negro* em sociedades marcadas pelas desigualdades de classe e raça. Julius, por ser um trabalhador braçal com baixa escolaridade e sem especialização, é relegado a subempregos exaustivos e mal remunerados; por isso precisa conciliar dois trabalhos para conseguir sustentar a sua família. Além de tudo, a dimensão da alienação se faz bastante presente na representação do personagem, pois Julius é um homem que vive para o trabalho e está sempre pensando nele.

Por outro lado, o conceito de *masculinidade* é fortemente identificado na representação do personagem. Por ser o patriarca da família, Julius tem atribuída a si a responsabilidade do provedor do lar, aquele que tem o dever de sustentar a casa, a família, pagar as contas em dia e não deixar que falte comida na mesa. Além disso, Julius performa muitos traços do ideal de masculinidade, essencialmente no que tange à paternidade: é um homem forte, trabalhador, rígido, inflexível e protetor.

Contudo, o patriarca da Família Rock vivencia uma masculinidade marginalizada. Por ser um homem negro de classe baixa, que viveu sob o *apartheid* norte-americano, Julius não tem acesso à educação superior, ao pleno emprego e a uma moradia digna; pelo contrário, ocupa dois subempregos exaustivos, mal remunerados e uma moradia financiada em um bairro suburbano e segregado na cidade de Nova York. Tudo isso tem impacto sobre a masculinidade vivenciada por Julius, o que o leva a estar constantemente preocupado com os “papéis gênero” que precisa cumprir.

Referências

ALBUQUERQUE, Fernando Pessoa de. *Sofrimento mental e gênero: os homens e o cuidado na rede de atenção psicossocial*. 2020. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

ANDRADE, Tales Gandi Veloso de; PESSOA, Virginia Marinely Almeida e; MIRANDA, Viviane Santos; OLIVEIRA, Romilda Sergia de. Gênero, raça e suas interseccionalidades na academia: o que está sendo produzido sobre a mulher negra?. *Revista Serviço Social em Perspectiva*, v. 8, n. 1, 178–204, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.46551/rss202410>. Acesso em: 9 jan. 2025.

BOTTOMORE, Tom (ed.). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. *Censo 2022: taxa de analfabetismo cai de 9,6% para 7,0% em 12 anos, mas desigualdades persistem*. Agência de Notícias – IBGE, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/43QjGOz>. Acesso em: 10 jan. 2025.

BRASIL. *Censo da Educação Superior*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 10 jan. 2025.

BRASIL. *Painel de Informações e Estatísticas da Inspeção do Trabalho no Brasil*. Portal da Inspeção do Trabalho, 2023. Disponível em: <https://sit.trabalho.gov.br/radar/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

BRASIL. *Desigualdade racial persiste no mercado de trabalho brasileiro*. Ministério do Trabalho e Emprego, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-econteudo/2024/Novembro/desigualdade-racial-persiste-no-mercado-de-trabalho-brasileiro>. Acesso em: 10 jan. 2025.

BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?* São Paulo: Boitempo Editorial, 2024.

CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. 2nd. ed. Berkley: University of California Press, 2005.

CREMA, Daniele. *Por que todo mundo odeia o Chris?* Uma análise discursiva sobre o imaginário de afro-americanidade na série Everybody hates Chris. 2014. 149 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. 2 ed. São Paulo: Global, 2007.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário brasileiro de segurança pública*. São Paulo: 2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/f62c4196-561d-452d-a2a8-9d33d1163af0>. Acesso em: 10 de jan. 2025.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 22 (Americanismo e Fordismo). In: *Cadernos do Cárcere*, v. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

INTERNET MOVIE DATABASE. *Everybody Hates Chris*. IMDb [Online]. 2025. Disponível em: <https://bit.ly/3ElEfB4>. Acesso em: 13 jan. 2025.

KILOMBA, Grada. *Plantation memories: episodes of everyday racism*. Münster: Unrast Verlag, 2012.

LANE, Silvia Tatiana Maurer; CODO, Wanderley (org.). *Psicologia social: o homem em movimento*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAGALHÃES, Gianni Marcela Boechard. *Educação, indústria cultural e ressentimento no seriado Todo mundo odeia o Chris*. 2016. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MILLS, Charles Wright. *White Collar: the American middle classes*. Nova York: Oxford University Press, 1969.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995, p. 71-99.

Recebido em fevereiro de 2025.

Aprovado em março de 2025.